

**OS FUNDAMENTOS DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA***The Basis of the Relation Between Theory and Practice**Aline Santana Rossi<sup>1</sup>**Rafael Rossi<sup>2</sup>*

---

**RESUMO**

A relação entre teoria e prática é um tema polêmico nas ciências humanas e sociais, incluindo aqui, o debate educacional. Em geral, a maior parte das análises busca saídas ainda no interior desta sociedade e, mais precisamente, na mudança subjetiva. Propomos uma abordagem histórica e ontológica a respeito da articulação entre conhecimento teórico e prática social. Nesse sentido, é fundamental partir do processo de autoconstrução humana. Entendemos, dessa forma, que a teoria é o conhecimento da essência do objeto e a prática, também na sua essência ao longo da história, é o critério para a elaboração da crítica. A superação da oposição radical entre teoria e prática, em nosso entendimento, é, desse modo, uma empreitada teórica de exercício da crítica às teorias em seus avanços e em seus limites e, ao mesmo tempo, uma empreitada da crítica prática que trate de transformar a objetividade real.

**Palavras-Chave:** Teoria. Prática. Educação. Crítica.

**ABSTRACT**

The relationship between theory and practice is a controversial subject in the human and social sciences, including here the educational debate. In general, most of the analyzes seek outlets still within this society and, more precisely, in subjective change. We propose a historical and ontological approach to the articulation between theoretical knowledge and social practice. In this sense, it is fundamental to start from the process of human self-construction. In this way we understand that theory is the knowledge of the essence of the object and practice, also in its essence throughout history, is the criterion for the elaboration of criticism. The overcoming of the radical opposition between theory and practice, in our view, is thus a theoretical undertaking of the exercise

---

<sup>1</sup> Pedagoga pelo Instituto Educacional do Estado de São Paulo. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFMS em Campo Grande – MS, Brasil. E-mail: alinesantanarossi@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciado e Mestre em Geografia, Doutor em Educação pela UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS em Campo Grande – MS, Brasil. E-mail: rafaelrossied@gmail.com

of criticism of theories in their advances and their limits, and at the same time a work of practical criticism that tries to transform the real objectivity.

**Keywords:** Theory. Practice. Education. Criticism.

## Introdução

*“Os que se encantam com a prática sem a ciência  
são como os timoneiros que entram no navio  
sem timão nem bússola,  
nunca tendo certeza do seu destino” Leonardo Da Vinci*

É muito comum observarmos, principalmente no debate educacional, a afirmação de que a teoria está apartada da prática. Nesse mesmo sentido, vários profissionais da educação, depois de formados e em atuação cotidiana nas escolas, em geral, argumentam que nas universidades há muita teoria e que a prática é bem diferente daquilo que aprenderam em seus cursos de graduação.

Do ponto de vista da reflexão a respeito desta importante questão, a maior parte das análises, mesmo aquelas altamente elaboradas, propõem saídas ainda no interior do plano do conhecimento: novas abordagens, novos currículos, novas reflexões, novas metodologias que, supostamente, seriam capazes de superar a dicotomia entre teoria e prática. Respeitamos as análises nessa orientação, todavia, estamos chamando a atenção para o fato de que ainda se baseiam numa *perspectiva gnosiológica* (TONET, 2013), isto é, cujo polo central da resolução do problema reside no sujeito, em saídas subjetivistas.

Nossa hipótese, que apresentamos publicamente para debate honesto e aberto, é a de que a relação entre teoria e prática trata-se, em verdade, de uma relação objetiva, uma relação que pode ser melhor compreendida à luz da *perspectiva ontológica* (LUKÁCS, 2012 e 2013). Isto quer dizer que, no processo de conhecimento, o polo regente está no objeto. Dessa forma, entendemos preliminarmente que: 1) a teoria e a prática estabelecem articulações existentes na realidade objetiva ao longo da história, independentemente da consciência dos pesquisadores e; 2) a dicotomia que se expressa entre o conhecimento teórico e a prática social não possui como causa a consciência ou a subjetividade dos indivíduos sociais, mas, antes disso, possui como fundamento o modo de funcionamento da atual forma de sociabilidade, em especial, no que se refere à atividade responsável pela produção das condições materiais da existência social: o trabalho.

Com relação à formação de professores é preciso deixar claro que, do ponto de vista das autênticas necessidades humanas, a atividade docente deve prezar pela transmissão do patrimônio intelectual e cultural mais desenvolvido que o gênero já produziu (SAVIANI, 2011). Isto, por sua vez, é inseparável de uma abordagem crítica sobre a relação aqui em pauta. É preciso enfatizar este entendimento: a articulação entre o conhecimento teórico e a prática social não é uma articulação apenas teórica, espiritual, subjetiva ou acadêmica. Antes disso: trata-se de um relacionamento que existe, de fato, na realidade objetiva e se dinamiza em meio ao processo de autoconstrução humana. Por isso, é preciso começar, primeiramente, pela compreensão de como os indivíduos se formam enquanto seres humanos e, junto a este processo, a gênese e articulação entre teoria e prática. A partir disso, avançamos para a demonstração dessa relação em meio à sociabilidade contemporânea marcada por desigualdades estruturais e, por fim, nossas considerações finais a respeito deste relevante e polêmico debate.

### **Teoria, Prática e Crítica: Origens Históricas**

Para entendermos a relação que se estabelece entre o conhecimento teórico e a prática social devemos partir não do debate conceitual e de tudo que já foi produzido a este respeito. O conhecimento desta trajetória é relevante, todavia, para uma abordagem ontológica, ou seja, centrada no objeto a partir de seu movimento histórico, devemos considerar, em primeiro lugar, o processo de autoconstrução humana.

Sabe-se que o ser humano não nasce já pronto, isto é, não nasce já membro do gênero. Os indivíduos quando nascem apresentam potencialidades para se formarem seres humanos. O quanto irão se desenvolver nesse sentido e o nível de apropriação que estabelecerão com o patrimônio intelectual elaborado e amalhado ao longo da história, são questões que só poderão ser respondidas em face das possibilidades reais e concretas do momento histórico e da sociedade, enquanto totalidade, que estivermos analisando.

O surgimento dos seres humanos na face da Terra é caracterizado por um *salto ontológico*, Lukács (2013). Isto significa que há um salto de estrutura, um salto qualitativo e essencial do ser meramente orgânico ao ser social/humanidade. O elemento responsável por este salto ontológico é o trabalho que, desde já, não pode ser confundido, com relações de assalariamento ou emprego. O

trabalho, desde o princípio, se articula com a linguagem/comunicação, com as relações sociais e a divisão do próprio trabalho (LUKÁCS, 2013).

O trabalho é a única categoria que funda o ser social e, com isso, abre a possibilidade para o surgimento e desenvolvimento de uma série amplíssima de várias outras dimensões sociais (educação, ciência, arte, filosofia, etc.) que terão funções distintas no processo de reprodução social. Com os atos de trabalho surge um efetivo “*pôr teleológico*”, o que significa que há uma articulação nova entre consciência e realidade objetiva (LUKÁCS, 2013). O trabalho é sempre a transformação de uma parte da natureza, de modo conscientemente intencional pela ação humana, para a criação/objetivação de algo inteiramente novo que possa atender uma necessidade real e existente da vida em sociedade.

Vejamos o exemplo de Aristóteles que é retomado por Lukács (2013): a construção de uma casa. A casa, possui em sua constituição, por exemplo, madeira, pedra e areia. Entretanto, do movimento espontaneamente natural da madeira, pedra e areia não se origina uma casa. Para que isso ocorra é preciso que a consciência humana, partindo de uma necessidade real (se proteger e construir um abrigo, nesse caso), reflita sobre os vínculos, possíveis articulações e acumule os conhecimentos necessários para a elaboração efetiva da casa. Uma vez feito este trabalho “*intelectual*”, este “*trabalho da consciência*”, entra em cena o momento da objetivação, isto é, da execução propriamente dita daquele projeto previamente idealizado. Neste aspecto, quando objetivamos algo, podemos confrontar aquilo que pensávamos da realidade e seu funcionamento, com aquilo que a realidade de fato é.

Não por um acaso qualquer Lukács afirma que: “[...] a verdade é concreta” (LUKÁCS, 2014, p. 57). Isto é fundamental: a verdade ou falsidade de uma teoria não são questões de preferência ou gosto pessoal e acadêmico. Ao contrário: são questões passíveis de verificação mediante o conhecimento efetivo da realidade social em sua essência, em seu movimento histórico, em sua dinâmica própria.

Por isso mesmo, a partir dos atos de trabalho, de maneira germinal estão contidas as bases da relação entre teoria e prática. A teoria é o conhecimento, sempre aproximativo, da articulação entre as aparências e a essência do objeto investigado ao longo do processo histórico real. O conhecimento teórico é sempre o conhecimento da realidade/objeto em si mesmo, perante aquilo que se sabe e aquilo que pode ser conhecido a partir das possibilidades reais que determinado momento histórico e social oferecem para tal.

Novamente podemos recorrer ao exemplo de Lukács (2013) sobre a vontade dos seres humanos em voar. Esta vontade já estava presente entre os gregos (com o personagem mitológico Ícaro, por exemplo), se manteve até Leonardo Da Vinci; porém só foi possível em ser objetivada na sociedade capitalista. Qual a razão disto? O desenvolvimento das forças produtivas, das técnicas e das ciências no capitalismo foi enorme e isto possibilitou apreender da realidade objetiva vínculos e articulações que possibilitaram a objetivação do avião. As leis da física e da aerodinâmica do ar são as mesmas ao longo da história, porém, agora, no capitalismo, podemos compreendê-las de modo muito mais profundo, muito mais pormenorizado. Não se trata, portanto, de uma genialidade apenas da subjetividade e da consciência, mas, antes disso, trata-se das condições materiais objetivas alcançadas com a presente forma de sociabilidade.

A prática, no que se refere às aparências, é o ponto de partida necessário e incontornável de toda pesquisa, de todo conhecimento teórico. Por meio da apropriação dos conhecimentos científicos construídos historicamente, pode-se superar as aparências e avançar em suas articulações com a essência, entendida como a gênese histórica, o desenvolvimento e a estrutura de um determinado objeto. Por sua vez, com a mobilização de outros conhecimentos e com a *apreensão e tradução* da lógica *do objeto*, pode-se explicitar articulações e movimentos do próprio objeto que antes não tinham sido percebidos e, com isso, produz-se a teoria a respeito de algo que existe na realidade efetivamente. Esta teoria, por sua vez, poderá contribuir, no futuro, para que mais articulações e legalidades mais profundas possam ser capturadas deste mesmo objeto ou de outros.

Com efeito, a teoria é “o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (NETTO, 2011, p. 20), sendo que esta reprodução não é algo fotográfico ou mecânico. Por outro lado, trata-se de uma reprodução que almeje a essência e esta reprodução “será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto” (NETTO, 2011, p. 21).

A teoria, portanto, não é um conjunto enciclopédico mecanicista descolado da realidade prática. Em algumas abordagens filosóficas isto até pode acontecer. Todavia, de um ponto de vista ontológico, a teoria é o conhecimento correto da essência, da estrutura, do movimento contraditório do objeto em suas articulações com a totalidade social. A totalidade de uma sociedade são as múltiplas interações que os seus complexos, isto é, as suas dimensões exercem entre si. Nesse sentido, a totalidade se configura como uma *rede de mediações*, uma *síntese qualitativa* que guarda

o movimento histórico passado e apresenta a orientação, os entraves e as possibilidades para o desenvolvimento presente de cada uma das dimensões que congrega e dinamiza.

A prática social, por isso mesmo, naquilo que apresenta de essencial ao longo do processo histórico real, é o critério para avaliarmos os avanços, as lacunas, os limites e as potencialidades de determinada teoria, ou seja, como parâmetros para elaborarmos a crítica. Na perspectiva ontológica, a crítica de uma teoria consiste:

[...] em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais (NETTO, 2011, p. 18)

Desse modo, a crítica é de extrema relevância. O abandono da crítica é o abandono da possibilidade de criação de novos conhecimentos teóricos mais profundos e que traduzam mais a essência do real. Aqui, de novo, vale a ênfase: a base da *crítica ontológica* não está na consciência, em preferências ou rejeições subjetivas. O fundamento da crítica ontológica é a totalidade em sua dinâmica histórica efetiva. Para Chasin (1988) a crítica ontológica:

É a crítica de uma propositura teórica a partir do cotejamento que é feito entre ela e o real. É o real que serve de telão contra o qual é esbatida a teoria. E a teoria é mostrada como falsa na medida em que ela não é a reprodução fiel do real, mas ela é, no caso concreto da tematização hegeliana, o inverso do real (CHASIN, 1988, p. 16)

Portanto, nem a teoria é um conjunto escolástico de informações pomposas descoladas do real, nem a prática deve ser supervalorizada. Caso inflamos em demasia a consideração a respeito do conhecimento teórico em detrimento da realidade objetiva, poderemos cair no idealismo que tenta deturpar a realidade e encaixá-la em padrões construídos subjetivamente. Por outro lado, desprezar acriticamente o conhecimento teórico, pode levar ao fetiche da prática, ao praticismo espontaneísta que desemboca em aventuras irresponsáveis. Não se trata de uma relação de equilíbrio harmônico entre ambas. Como vimos, a teoria parte da realidade para traduzi-la em sua essência. Nesse aspecto, o conhecimento teórico é indispensável para a intervenção eficaz na objetividade. Ao mesmo tempo, é a própria essência do real que servirá para a elaboração da crítica ao conhecimento teórico acumulado historicamente.

### **A Dicotomia entre Teoria e Prática nesta Sociedade**

Como afirmamos no item anterior a realidade social não se resume ao trabalho. Ela se conforma enquanto totalidade, enquanto síntese, enquanto rede de mediações entre os vários complexos em suas múltiplas determinações recíprocas. Contudo, em todas as sociedades, haverá a necessidade de transformação conscientemente intencional da natureza para a produção dos meios de produção e de subsistência (abrigo, ferramentas, alimentos, vestimentas, estradas etc.). Em outras palavras: em toda sociedade sempre houve e sempre haverá a necessidade do trabalho. Não do trabalho assalariado que marca o fundamento do capitalismo, mas sim, do trabalho nesse entendimento de transformação da natureza para a produção das condições materiais da existência social.

Toda sociedade terá uma forma concreta e típica de exercer o trabalho. Na sociedade escravista era o trabalho escravo; na sociedade feudal, o trabalho servil e na sociedade capitalista é o trabalho assalariado a forma dominante. Entre o trabalho e a relação entre teoria e prática há a *mediação*, inescapável, da totalidade social. O trabalho assalariado impacta a totalidade e esta, por sua vez, impacta a relação e a dicotomia entre teoria e prática. A totalidade é a mediação, é o *momento predominante*, entre a forma típica de trabalho e a orientação de cada complexo social (ANDRADE, 2014).

Como afirmamos anteriormente a relação entre teoria e prática é uma relação existente na objetividade social e não apenas no plano das ideias. Desse modo, mudar essencialmente algo objetivo, exige, por seu turno, ações objetivas e concretas. Esse é o ponto que escapa à maioria das análises educacionais sobre esta importância temática.

No caso desta forma de sociabilidade, o trabalho aparece esfacelado, fragmentado, como atividade alienada. Os trabalhadores não se reconhecem no produto de seu trabalho, não se reconhecem entre si (veja-se, por exemplo, o alto nível de competitividade e egoísmo que presenciamos todos os dias entre os próprios trabalhadores), não possuem conhecimento de todo o processo produtivo, não controlam a própria atividade de trabalho nem as finalidades da mesma. Tudo isto é determinado pelo mercado, pelas grandes empresas multinacionais. As mercadorias são produzidas não com o objetivo primordial de atenderem uma *autêntica* necessidade humana, mas com a meta essencial de serem vendidas. Pouco importa, por exemplo, para esta sociedade, que o alto nível de agrotóxicos em nosso ar, água e alimentos gere câncer. Isto é um “efeito colateral” que não pode, de modo algum, perante os defensores da ordem, ser associado ao imperativo de produzir



alimentos para o lucro e não para saciar as necessidades alimentares. Não por um acaso qualquer produzimos muito mais do que a capacidade do planeta todo consumir e, mesmo assim, milhões de toneladas são desperdiçadas e vários morrem de fome todos os dias. O objetivo social que subordina tudo e todos é a reprodução dos lucros e o “bem dos negócios”.

Este é o fundamento da oposição entre a teoria e a prática nesta sociedade. Apresentar possibilidades reais e efetivas de superação da separação entre o conhecimento teórico e a prática social é um exercício teórico que congrega, inexoravelmente, a atividade prática de transformação social. Se o trabalho, isto é, a atividade vital humana, é uma atividade alienada, com *desigualdades estruturais*, é uma atividade voltada para o enriquecimento de uns às custas da exploração alheia, então, incontornavelmente, haverá a *dicotomia abissal* entre teoria e prática.

Contribuir para avançar sobre esta oposição radical é um exercício teórico e, ao mesmo tempo, prático. É teórico no sentido de permitir aos trabalhadores o conhecimento da essência desta sociedade, do seu modo de funcionamento, da sua organização, das suas origens etc. Igualmente é uma empreitada prática, pois implica a atuação real e concreta que ajude a transformar essencialmente a forma de trabalho atual, rumo à uma outra organização do trabalho sem qualquer tipo de exploração do homem pelo homem. Trata-se, pois da *prática da crítica*, no sentido de exercer a crítica às teorias que se prendem apenas à camada epidérmica dos fenômenos estudados e, em igual importância, a *crítica da prática*, ou seja, a crítica atuante que “ponha as mãos na massa” a partir de uma sólida compreensão teórica do movimento essencial da objetividade. Este debate, no que se refere à especificidade da educação escolar, foi, acertadamente abordado por Carvalho e Martins (2017):

Os conteúdos escolares estão no âmbito das objetivações para-si, assim como não basta viver em sociedade para se humanizar, não basta apenas frequentar a escola para se apropriar das objetivações para-si. Dificilmente esses conteúdos serão aprendidos de modo espontâneo. O ensino dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos mais elaborados da cultura humana depende de ações intencionais e planejadas e na educação escolar, tal tarefa é responsabilidade do professor. (CARVALHO e MARTINS, 2017, p. 175)

O papel da educação escolar e da atuação dos professores é fundamental neste sentido. Entendemos que a atividade docente é uma atividade intencional que deve ter como objetivo, se preocupada com os interesses do gênero humano, a transmissão dos clássicos do patrimônio intelectual elaborado historicamente (SAVIANI, 2011) e numa abordagem crítica e ontológica



(LUKÁCS, 2012; 2013). Essa reflexão da teoria e prática como uma relação que existe, de fato, na realidade objetiva, permite defender a escola como uma instituição “cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado [...] Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo, ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado [...]” (SAVIANI, 2011, p. 14). A crítica ontológica muito pode contribuir nesta tarefa, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista prático.

### Considerações Finais

Neste texto abordamos o polêmico debate a respeito do fato das teorias estarem apartadas da prática social. Partimos, em um primeiro momento, das bases ontológicas, isto é, histórias, da articulação entre teoria e prática e, para isso, retomamos o processo de autoconstrução humana. Entendemos que os seres humanos surgem na Terra quando desempenham atos de trabalho, pois apresentam uma articulação nova entre consciência e realidade objetiva. À consciência caberá a função social de pensar em vínculos, reflexões e análises das possibilidades reais e existentes na própria objetividade, acumulando conhecimentos construídos historicamente para o atendimento das necessidades sociais. Contudo, as possibilidades, os entraves e obstáculos serão determinados pela própria realidade objetiva e não pelos anseios e desejos da consciência/subjetividade. Trata-se, de fato, da constatação de que “o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência” (LUKÁCS, 2012, p. 307), ou seja, existe e coloca as bases reais e concretas para a consciência atuar e refletir.

A partir destes entendimentos, percebemos que o conhecimento teórico é aquele conhecimento que *apreende*, que *traduz* e que *capta* o movimento *essencial* do objeto ao longo da história em suas legalidades próprias e em suas articulações com a totalidade social. Para a abordagem ontológica, que possui preocupações em desvendar o objeto do modo como ele é em si mesmo, não se trata, portanto, de “*construir*”, “*enquadrar*” ou “*recortar*” o objeto, mas sim, *apreendê-lo e revelar* sua estrutura e dinâmica própria.

Por fim, demonstramos que a relação teoria e prática é uma relação existente na realidade e não inventada pelos pesquisadores. O trabalho típico de cada sociedade utiliza a totalidade enquanto mediação, ou seja, enquanto momento predominante na orientação desta articulação entre conhecimento teórico e prática social. Como na sociedade contemporânea o trabalho é fragmentado,

não é controlado, conhecido por completo e nem gerido pelos próprios trabalhadores e pelas autênticas necessidades humanas (mas apenas pelas necessidades mercadológicas), então, incontornavelmente haverá uma dicotomia abissal entre a teoria e a prática.

Novamente: a reciprocidade entre teoria e prática não é algo que existe apenas no plano teórico, mas sim, na realidade objetiva. Desse modo, contribuir para alterar significativamente esta relação é agir, igualmente, de modo concreto e objetivo. As ações que visem intervir na objetividade precisam se basear numa sólida teoria que tenha apreendido o movimento essencial do objeto em questão, caso contrário, não conseguirá atingir os objetivos traçados.

Vivemos em tempos em que é muito comum questionar ou, até mesmo, desvalorizar o papel do professor no processo de transmissão e assimilação de conhecimentos. Argumenta-se, por exemplo, que com as novas tecnologias tudo pode ser resolvido com o espírito empreendedor e criativo dos alunos. Discordamos deste posicionamento. Ninguém aprende sozinho os conteúdos escolares. Pensamos que a atividade dos professores é uma atividade intencional, que deve ter por objetivo (se baseada numa postura preocupada com as reais necessidades do gênero) a transmissão dos conhecimentos científicos mais elaborados que a humanidade já produziu ao longo da história (SAVIANI 2011) e numa orientação crítica-ontológica (LUKÁCS, 2012; 2013). Este processo implica uma forte e robusta teoria social e educacional a respeito da especificidade da prática educativa em suas mediações com a escola e a sociedade.

Se o trabalho for completamente controlado pelos próprios trabalhadores e organizado para atender as reais demandas dos indivíduos e do gênero humano, então, haverá chances reais e efetivas para que a compreensão sólida teoricamente da realidade possa se expandir para todos e não apenas para alguns. Portanto, contribuir para a superação da oposição radical entre teoria e prática é um empreendimento que congrega: 1) a *prática da crítica*, isto é, a crítica que apreenda as lacunas, avanços e retrocessos das teorias sociais no confronto com a essência do real e; 2) a *crítica da prática*: a atuação organizada, consciente e coletiva de construção de uma forma de trabalho sem qualquer tipo de exploração. Fundamental entendermos que “as atividades espirituais do homem não são, por assim dizer, entidades da alma, como imagina a filosofia acadêmica”, mas sim, “formas diversas sobre a base das quais os homens organizam cada uma de suas ações e reações ao mundo externo” e, nesse sentido, “os homens dependem sempre, de algum modo, destas formas para a defesa e a construção de sua existência” (LUKÁCS, 2014, p. 24).

## Referências

- ANDRADE, M. A. Trabalho e Totalidade Social: Qual o Momento Predominante da Reprodução Social? In: COSTA, G.; ALCÂNTARA, N. **Anuário Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014. p. 177-203.
- CARVALHO, B.; MARTINS, L. M. Formação de Professores: Superando o dilema Teoria versus Prática. **Revista Germinal**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 172-181, 2017.
- CHASIN, J. **Superação do Liberalismo**. 1988, mime.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social – I**. São Paulo: Boitempo: 2012.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social – II**. São Paulo: Boitempo: 2013.
- LUKÁCS, G. **Conversando com Lukács**: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz/Georg Lukács. Tradução de Gisieh Vianna. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.
- NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: Primeiras Aproximações. Campinas – SP: Autores Associados, 2011.
- TONET, I. **Método Científico** – Uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

*Recebido em: 01/05/2019*

*Aceito em: 12/06/2019*

*Publicado em: 02/07/2019*